

ARTIGO

**ANA MARIA MACHADO:
INVENTANDO O FUTURO
A UTOPIA DE UM MUNDO DE PAZ
E TOLERÂNCIA:
REFLEXÕES SOBRE A INFÂNCIA E A JUVENTUDE**

**ANA MARIA MACHADO:
INVENTING THE FUTURE
THE UTOPIY OF A WORLD OF PEACE
AND TOLERANCE:
REFLECTIONS ON CHILDHOOD AND YOUTH**

MARIA DO ROSÁRIO CUNHA PEIXOTO*

RESUMO

Este artigo analisa O Canto da Praça, de Ana Maria Machado, texto literário destinado às crianças, no qual a autora propõe uma reflexão sobre a necessidade de nos mobilizarmos no sentido de criar uma cultura de paz, de tolerância, de diálogo de modo a inventar um futuro no qual a liberdade e a justiça andem juntas, assim como múltiplo e o diferente, onde o consenso não seja obrigatório.

ABSTRACT

This article aims analyse at the corner of the square, Ana Maria Machado's literary text for children, in which the author proposes a reflection on the need to mobilize us towards creating a culture of peace, tolerance, and dialogue to order to invent a future into which freedom and justice can walk together, as well as the difference and multiplicity, where consensus is not required.

“Atualmente essa é a questão política central. Como a corrida armamentista novamente domina a atenção, onde fica o resto de nossa política, ou existe na realidade algum outro tipo relevante de política?”

(WILLIAMS, Raymond. **Recursos da Esperança**, 1980).

A corrida armamentista é um assalto aos recursos do Terceiro Mundo. A exportação de armamentos, infra-estruturas militares e ideologias militaristas (algumas delas disfarçadas de marxismo), do mundo avançado para o Terceiro mundo, é uma forma de distorcer o processo social, abortar revoluções e sufocar seu potencial à nascença.

(...)

Não é vergonhoso desejar a sobrevivência das gerações vivas.

(THOMPSON, Eduard Palmer. **Exterminismo e Guerra Fria**, 1985)

— Como é que pode? Se é uma arma terrível, é a garantia da guerra, não pode ser a garantia da paz.

(MACHADO, Ana Maria. **O Canto da Praça**, 1985)

Não é propósito do presente artigo discutir a guerra-fria nem seus atuais desdobramentos, mas enfatizar o papel ativo de Ana Maria Machado nos debates pacifistas de 1986, através de texto ficcional *O Canto da Praça*,¹ destinado ao público juvenil e a atualidade do mesmo, seja como memória seja como alerta sobre o papel da guerra como ingrediente constitutivo das relações internacionais e sobre a necessidade e urgência de Paz.

Nos anos 70 surge um número expressivo de autores,² entre os quais Ana Maria Machado, que enriquecem o cenário de literatura infanto-juvenil brasileiro com temas instigantes e, principalmente, com acurada qualidade literária. Apostando na inteligência e na curiosidade

infantis e nas potencialidades que as crianças têm de desenvolver sua capacidade de apreensão crítica da realidade, essa nova literatura rompe com os cânones literários estabelecidos, até então, como apropriados à infância.

Ana Maria Machado começa a escrever histórias para crianças em 1968, a convite de Sônia Robatto, editora da Revista *Recreio*, que chegou a vender 250 mil exemplares por semana. Em 1977 publicou seu primeiro livro *Bento-que-bento-é-o-frade* e nunca mais parou. Não separando arbitrariamente os universos adulto e infantil, a autora escreveu sobre liberdade, poder, tirania, preconceito, medo, condição feminina e contou histórias para crianças pequenas e grandes, histórias de meninos e meninas, de passarinho, jupati, unicórnio, dragão, gato, cachorro e outros bichos.

Publicado no Ano Internacional da Paz (1986), *O Canto da Praça*, de Ana Maria Machado, é um grito de alerta contra o absurdo da guerra, a corrida armamentista, a nossa passividade, mas é também um canto de esperança.

Ana Maria Machado escreve no difícil e perigoso contexto da guerra fria que ao contrário do que o seu nome sugere foi marcado pelo acirramento de tensões e antagonismos entre as duas superpotências, que respaldadas por seus respectivos aliados, elevaram a temperatura do planeta, deixando-o muitas vezes à beira da explosão. Naqueles anos os movimentos pacifistas foram de vital importância. O engajamento de Raymond Williams e de E. P. Thompson, entre outros, contribuiu para denunciar a elaboração, em curso, do que posteriormente se chamou de cultura de guerra e a falácia da política de dissuasão, proposta pelo ocidente e explicitada como estratégia de paz que visava à intimidação do inimigo por meio de armas poderosas e rearmamento constantemente atualizado. As ações e debates em torno da paz contribuíram igualmente para tirar das sombras a outra face dessa política que também servia para

ocultar uma poderosa ideologia de combate ao socialismo e à possibilidade de recriação do comunismo em bases diferentes daquelas que regiam a URSS.

Os desdobramentos da guerra fria, no presente, e a elaboração permanente da cultura de guerra e da crença no papel civilizatório dos Estados Unidos têm produzido a naturalização da guerra e feito proliferar os conflitos bélicos em vastas áreas do planeta, envolvendo países e povos diferenciados.

O *canto da praça*, cuja narrativa é estruturada em três tempos: o *Tempo de Antes*, o *Tempo de Depois* e o *Tempo de Agora* e como a própria autora nos conta:

É uma longa história que atravessa os tempos. Uma história de amor e humor, de guerra e paz, de aventura e reflexão. Uma história que mistura teatro de bonecos e picadeiro de circo, cavaleiros do rei Artur e naves espaciais, Arlequim e Pierrô, um velho mago e três crianças, que tentam fazer alguma coisa por nós todos, juntando todas as vozes, na esperança de que desapareçam os bloqueios e o canto da praça seja ouvido. E a pomba da paz possa voar em liberdade por todos os tempos.³

No *Tempo de Antes*, a narrativa se desenrola na Praça de uma aldeia medieval, a praça do chafariz e da fonte; a praça do mercado uma vez por semana, as trocas e os encontros; a praça dos saltimbanco e a praça de todas as noites, onde os amigos se reúnem para tocar alaúdes, violinos e fazer serenatas para suas amadas.

Narrada por um saltimbanco, Simão Simonelli, com a sabedoria de quem atravessa os tempos, essa é a história de Paloma, menina-moça e de seus dois amigos: "*O de ar sonhador e jeito de artista era Pedro. O outro com uma cara muito sem-vergonha e simpática era Arlindo*". E a história, que até então tinha sido a história de três amigos, se transforma na história de um triângulo amoroso.

O enredo se desenvolve a partir das características de seus personagens, já impressos em seus nomes: Pedro/Pierrô/Apaixonado e Arlindo/Alegre/Arlequim disputam o amor de Paloma/Colombina. O triângulo é a base de toda a ação subsequente: a disputa, o ciúme, a inimizade, a luta dos contrários, sem tréguas, até a morte.

Paloma, dividida entre o amor dos dois, "tão diferentes como o dia e a noite, o sol e a lua, tinha medo de perder Arlindo e de magoar Pedro". No circo, a história se repete: "*Pierrô amava Colombina que amava Arlequim que não amava ninguém a não ser a si próprio*".

Pelo amor de Paloma/Colombina os amigos viraram inimigos e lutaram em duelo e empataram e lutaram e empataram. Finalmente, temendo a agressão por parte do outro, cada qual se armou até os dentes, organizou o próprio exército, até a construção de uma poderosa bomba. Acreditavam que a paz estaria garantida se nenhum dos lados fosse superior ao outro. Até que:

A discussão foi se misturando com novas frases, palavras agressivas, até mesmo aquelas que estão na origem de todas as guerras, desde a primeira briga de um bebê ou do homem das cavernas:

— É meu!

— Não, é meu!

De que estariam falando? Do amor de Paloma? Não sei. Só sei que o bate-boca foi esquentando, esquentando e deve ter soltado alguma faísca na pólvora, porque de repente BUM!

Já nessa primeira parte da obra, a autora inicia a crítica (que irá aprofundando) a determinadas ideias e práticas, a saber:

- O conceito de paz armada, segundo o qual a paz estaria garantida pelo equilíbrio das forças militares.

- A guerra fria que na época dividia o mundo em duas áreas de influência exclusivas e excludentes.

- As guerras de um modo geral e em especial as de base econômicas.

- A crença nos projetos unificadores, excludentes, que se colocam para a sociedade como as únicas alternativas possíveis.

Toda a obra é um grito de repúdio a toda forma de intolerância e autoritarismo e pela liberdade de ser e de dizer, isto é, pela democracia. Essa discussão, apenas esboçada no *Tempo de Antes* vai adquirindo amplitude e complexidade no decorrer da narrativa.

O *Tempo de Depois* é situado no futuro. A disputa entre Pedro/Pierrô e Arlindo/Arlequim toma proporções interplanetárias como nas histórias de ficção científica.

A trama se desenvolve numa estação espacial flutuante "*nesta ou em outra galáxia*", onde naves interplanetárias vêm abastecer-se. O narrador, de idade indefinível, de aspecto envelhecido, mas ágil e de olhar jovem, é Simão/Simnon, o que afirma e nega, capaz de conter o sim e o não, a alegria e a tristeza, o dia e a noite, o sol e a lua. Isto lhe confere sabedoria. Ele não sabe se começa a história dizendo *será uma vez* ou *seria uma vez*, pois, aquela história, desdobramento da primeira, poderá acontecer ou não.

De novo estamos diante de três crianças, a menina é Aziul, seus amigos são Okram e Leafar, e eles vem de um planeta localizado em outra dimensão, de nome Osseva, que foi destruído por uma guerra interestelar (não em seu solo) mas entre planetas vizinhos: os três protagonistas tinham sido salvos da destruição por um velho que trabalhava no Projeto ZAP.

Também aqui, Ana Maria Machado brinca com as palavras, novamente os nomes das personagens e dos lugares são os fios com os quais irá tecendo a problemática da história e indicando o rumo que a trama irá tomando e o papel aí desempenhado por cada personagem.

A construção de nomes dos personagens com os anagramas de Marco, Rafael e Luiza indica que as crianças estavam numa dimensão imaginária, isto é, no planeta Osseva/Avesso, cuja destruição poderia se tornar realidade, isto é, concretizar-se na destruição da terra, se o Projeto ZAP (PAZ) não fosse implementado.

Em outras palavras, A luta pela paz, o desarmamento, a conquista da democracia são o plano ZAP da terra. Seu sucesso dependerá de um esforço coletivo, de uma tomada de consciência.

Okram, moreno, de roupas coloridas e que o velho chamava de Arlequim, tinha vindo de Harley, do planeta Harley que o mago Simnon confessava ter confundido com o cometa:

— Perguntei porque conheço um cometa de nome parecido, o cometa de Halley...

Ele vai dar uma boa risada antes de explicar:

— Meu pai me disse uma vez que o nome era um disfarce, lá de algum tempo antigo, quando a guerra estava mais no começo, e por razões de segurança, acharam que era bom disfarçar quem a gente era. Misturaram o nome de um cometa com o de um bairro ou uma cidade antiga nossa, em homenagem, que tinha sido um lugar cheio de festa, música e dança. É que a gente sempre gostou muito de folia e brincadeira, o senhor sabe...

Depois de refletir um segundo, perceberei:

— Ah, sim... Harlem... (p.61)

Leafar, que o velho gostava de chamar Pierrô, era, por sua vez, originário do Império. Passara sem dificuldades pelos portões e pelos guardas porque conhecia a senha “ π & p”, isto é, conhecia os sinais gráficos que a representavam (as letras gregas pi e rô), mas não conhecia seu som.

O mestre tinha trazido os dois meninos para Osseva e depois para a estação espacial. Aziul tinha nascido no laboratório. Seus pais moravam lá, escondidos. Tinham se encontrado em meio à guerra e se amado. Não pertenciam a nenhum dos lados.

O mestre escolhera as três crianças para realizarem o Projeto ZAP por serem mestiças. As mães de Okram e Leafar moravam nas terras de seus maridos (Harley e Império respectivamente) mas eram originárias do país inimigo. Embora vivendo em país estrangeiro, cada uma delas tinha ensinado ao filho muito de sua própria cultura.

Aziul era mestiça pelos dois lados, pois suas avós, obrigadas a viver em terra inimiga tinham enfrentado situação semelhante. Aziul primeiro fala de sua avó paterna, depois de sua avó materna;

— Mas a mãe de meu pai, essa minha avó, para não ser morta, passou a vida inteira fingindo que era do reino de Harley, onde eles ficaram morando. Só que ensinava ao filho canções que falavam da brancura do luar nas planícies cobertas de neve, histórias do Cavaleiro Jasmim, músicas que às vezes tinham uma tristeza de cortar o coração. Em toda a terra de Harley não havia ninguém como ela, capaz de consolar tanto a terra dos aflitos, ninguém que entendesse tanto o sofrimento dos outros. E como a dor e o sofrimento eram muito grandes, por causa da guerra, ela era muito querida e tinha muitos amigos. Mas tinha sempre que tomar o maior cuidado para não se trair, porque era anormal que alguém de Harley fosse daquele jeito. E se a descobrissem, exilada em Harley e clandestina, ela podia morrer. Meu pai morreu com esse segredo no coração dividido, no peito rachado, em alta tensão entre os pólos do seu cérebro, como costumava dizer o velho mestre". (P.62)

— Pois a minha mãe era filha de uma mulher de seu reino, Okram, com um homem de seu Império Leafar. Eles também tinham se apaixonado no meio da guerra e achado que o amor era muito melhor do que a morte. Só que a minha avó colorida teve que ficar o resto da vida vestida de preto e branco, fingindo que gostava de serenatas para a lua quando queria dar cambalhotas para o sol, mas precisava fazer de conta que não era estrangeira nem de reino inimigo. De qualquer modo ensinou minha mãe a fazer caretas engraçadas, a pregar peças nos outros, inventar ritmos novos, dançar danças alegres. Em todo o território do Império não havia ninguém com mais senso de humor, tão capaz de ver o lado engraçado das desgraças como ela. E como as desgraças eram tantas, por causa da guerra, ela tinha muitos amigos, porque levantava o moral dos outros. Mas precisava sempre ter mil cuidados para ninguém descobrir, porque era anormal que alguém do Império fosse daquele jeito e poderiam desconfiar que ela fosse exilada, clandestina, o que era muito perigoso. Por isso, minha mãe também cresceu com o tal coração dividido e todas aquelas coisas que o Velho Mestre falava do meu pai, lembram? (p.63).

A autora trabalha com a contraposição entre o antes e o depois, o branco e o preto, o alegre e o triste sem qualquer traço de maniqueísmo, apontando sempre na direção do múltiplo e do diferente. Combate a desigualdade, mas não a diferença. Coloca-se dessa forma, como defensora intransigente da produção cultural livre, não tutelada, desobediente a normas e cânones, mas capaz de inventar, surpreender, investigar, avessa a qualquer lógica pré-estabelecida, insubmissa, ambivalente (como sua própria obra). Rejeita todo autoritarismo que teime em impor um único padrão cultural, retirando dos cidadãos e das classes populares e das crianças o seu direito de ser e de fazer.

José Américo Motta Pessanha⁴ nos lembra que a discussão filosófica sobre o tempo, o movimento, a mudança, o novo e, portanto, sobre a própria história está na base da discussão em torno das relações unidade/pluralidade.

Refere-se à tradição filosófica que atribui à razão a função de conferir unidade à pluralidade aparente, visível ao nível do sensível e às diferenças de opinião, buscando a produção de um conhecimento absolutamente verdadeiro, indubitável, universal e consensual, rejeitando o **não previsto**, o inapreensível, visa a estancar a erupção do inteiramente **novo** prendendo-o em algum tipo de causalidade que o torne compreensível, justificável.

A escritora e o filósofo rejeitam a noção de tempo linear, o que equivale a reconhecer o papel ativo do presente na compreensão do passado⁵ e a enfatizar a ação dos sujeitos sociais do presente nesse processo, reafirmam a necessidade de dessacralizar o conceito de verdade, de tornar possível a crença na infinitude da história e, dentro dela, legitimar as histórias e as razões múltiplas, frequentemente divergentes.

Refletir sobre o nosso passado passa a ser antes de tudo, refletir sobre o presente, sobre o que somos e o que queremos hoje e

amanhã. Com essas considerações feitas até agora, pretendi buscar dados para pensar a literatura infantil como uma dimensão desse jogo contraditório de opressão/liberdade, socialização/renovação, cuja formulação, tem na concepção explícita ou implícita de tempo um elemento-chave.

Retomando o fio da narração: o narrador é levado a uma cabine do projeto espacial ZAP para receber uma mensagem do velho Mestre e é colocado diante de sua própria imagem, no futuro, ou melhor, em outra dimensão, projetada na tela de um computador. A imagem, que é a sua e a do mestre, lhe dá a chave do enigma: "*Alfa é Ômega e Ômega é Alfa*".

O Mago Simnon "*fica com vontade de pedir ajuda, meio perdido, sem saber o que fazer nem por onde começar*" e a imagem, no Visor, adivinhando seus pensamentos lhe diz algo que poderá ser uma resposta a seu pensamento:

– Só posso ajudá-lo com truques de palavras. E com letras, mesmo as mais antigas. É tudo o que tenho. Ao mesmo tempo, tão pouco e tão infinito. Por isso, para você, que sabe que o sim e o não andam juntos, que as coisas só. Existem com o seu contrário, que não há noite sem dia, não há cheio sem vazio, não há fim sem começo, eu entrego o Projeto ZAP e sua única instrução "*Ômega é Alfa*". (P.71)

Após descansar, pensar, discutir com as crianças o mago compreende que está na dimensão do contrário do AVESSO (Osseva, de trás para a frente) e ao perceber que está envolvido num Projeto de PAZ (ZAP) conclui que a palavra-chave, a senha que os trará de volta daquela dimensão imaginária deverá ter o mesmo som de trás para a frente e de frente para trás como Ana. Uma palavra que tenha um significado forte, preciso, onde o fim vira começo e o começo vira fim e a *morte se transforma em vida*.

De mãos dadas, formando uma roda, os quatro a pronunciarão, ao mesmo tempo e deixarão aquela dimensão para sempre. E eles a pronunciam. A palavra é: REVIVER. Com a solução do enigma, as personagens são transportadas para o *Tempo de Agora*.

O tempo presente, diz a autora, se situa entre a primeira bomba atômica e o momento em que as armas nucleares, mortíferas e destruidoras já proliferaram bastante e que o futuro pode ser a guerra ou a paz. É o tempo entre o ponto em que mães e avós eram crianças e o tempo de REVIVER: sair do estado da possível morte latente para a vida.

O lugar o espaço da ação é uma praça, onde um circo está armado. Mas é uma "*praça moderna, cheia de gente, de automóveis, de movimento*" (P.81). Há muitas pessoas preocupadas com o rumo dos acontecimentos. Um diz que é dono da liberdade, o outro diz que é dono da justiça, mas ignoram que justiça e liberdade podem andar juntas, que a terra é redonda, que ***alfa é ômega, que ômega é alfa*** ($\alpha-\bar{\omega}/\omega-\alpha$). De um lado o exército preto-e-branco, do outro o exército colorido e suas estratégias de combate.

Durante um espetáculo de circo, o povo quase entrou em pânico porque confundiu um trovão com uma bomba, mas por estarem todos com as mentes embotadas, nada fizeram, apenas sentiram medo. Simão/Simnon então faz uma mágica: ao pronunciar a palavra REVIVER, o toldo do circo se transforma num imenso lenço de seda com o qual as pessoas assoam o nariz e expelem "*a catarreira mental*" e assim percebem que é necessário fazer alguma coisa pela paz. Em seguida a sujeira desaparece, o lenço se transforma novamente em toldo de um mini-circo, que fica no centro do picadeiro.

As três crianças entram, Rafael/Pierrô (ex Leafar) transforma-se num balão branco de gás, ou melhor numa lua e Luiza/Paloma/Colombina (ex Aziul) se transforma numa pomba da paz.

O passado, o *Tempo de Antes*, é colocado como uma experiência que por suas características e amplitude é antecedente do presente, pode ser visto como a gestação do *tempo de agora* (e no limite) como gestação do *tempo de depois*.

O *Tempo de Depois* é o que pode acontecer no nível planetário. A mensagem que vem do futuro e as crianças escolhidas para a missão de salvar o mundo, juntamente com o *mestre/mago*, não sinalizam para soluções miraculosas, elas apenas se transformam (*no tempo de agora*) em símbolos da paz: o arco-íris que lembra ou alude a um outro acordo de paz, entre Noé e Deus e a promessa de Deus de que não mais tentaria destruir o mundo. E ao mesmo tempo simboliza as cores do Arlequim e também o dia, o sol e a chuva.

O balão branco que se transforma em lua, simbolizando o Pierrô e seu romantismo, sua poesia, sua música triste, sua solidão, e a noite e também a paz. (A lua que já era símbolo do amor, se transforma em símbolo de paz). E finalmente Paloma/Colombina que no *Tempo de Antes* fora o pomo da discórdia, no *Tempo de Depois*, a amiga, a mensageira que ia de Okram a Leafar e vice-versa, no *Tempo de Agora*, se transforma na pomba da paz.

A salvação (como a destruição) é colocada apenas como uma possibilidade. Deter o futuro (catastrófico) vai demandar uma solução coletiva no sentido de sair da passividade (catarreira mental) e de se mobilizar pela paz: compreender o caráter contraditório da vida e das coisas, aprender a conviver com as diferenças, respeitá-las e ser mesmo capaz de experimentá-las.

Este é o sentido de REVIVER. Realizar o projeto PAZ significa denunciar, rejeitar a doutrina de paz armada e a corrida armamentista: produzir armas é produzir o perigo e aumentar sua probabilidade (e amplitude). É preciso fazer com que o *Tempo de Depois* continue sendo uma dimensão imaginária, e não mais possível.

Se pensarmos com Marilena Chauí que "*a hegemonia se constitui e é constituída sob a forma de subordinação interiorizada e imperceptível*"⁶ seremos levados a imaginar a multiplicidade de meios e práticas através das quais a hegemonia se constrói. Essa interiorização consiste, pois, na reelaboração como subordinação, como conformismo ou até mesmo como apoio declarado — pelos dominados — dos valores, princípios e ideias que servem de suporte ao poder.

A construção de uma contra hegemonia passaria, portanto, pelo desnudamento, pelo desmascaramento desses processos e pela reflexão sobre suas premissas. Fazendo da literatura um exercício de reflexão e prazer, Ana Maria Machado oferece à criança/leitora um texto fluente, bem-humorado, prazeroso. Convida a criança a participar, discute com ela as grandes questões de sua época e o faz com seriedade, graça e muita poesia, não lhe causando pânico ou angústia. Da boca de seu personagem mago e mestre, ouvimos palavras que são da própria autora.

Só posso ajudá-los com truques de palavras. E com letras, mesmo as mais antigas. É tudo o que tenho - ao mesmo tempo tão pouco e tão infinito.

A autora experimenta uma relação de respeito para com a criança, não a submetendo a uma infantilização que não é dela. E também não separa arbitrariamente o universo da criança do universo do adulto, circunscrevendo seu espaço, limitando sua ação, aprisionando-a.

Num momento de rara inspiração (e provavelmente mais trabalho que inspiração), Ana Maria Machado se propõe a mostrar "*o livro por dentro, a história da história*". Depois de afirmar "*que as palavras podem tudo*", ela explica:

Mas não foi com palavras que tudo começou. Tudo o que agora está aqui em suas mãos, e pode ser lido, estava, primeiro, trancado e muito bem trancado numa caixa de

concreto revestido de chumbo. Uma dessas caixas que as pessoas enterravam com coisas que queriam salvar dos efeitos destrutivos da radioatividade.

Encontrada por pessoas de boa vontade, a caixa foi examinada por cientistas, especialistas e submetidas a testes de toda espécie.

Mas os resultados foram, no mínimo, desconcertantes. Acabaram chegando à conclusão de que havia objetos de épocas tão distintas que se tornava impossível precisar a ocasião exata em que tinham sido enterrados.

(...)

Na caixa havia recortes de jornal, velhos pergaminhos, máscaras de carnaval, um filme de Carlitos, uma flauta de madeira, uma caixa de lápis de cor, sapatilhas de balé, um lenço bordado, um violino, um sintetizador, um cavalo de carrossel, um cocar de índio, uma máquina fotográfica, uma caixinha de música, revistas em quadrinhos, uma pombinha de barro.

Finalmente a caixa foi introduzida numa máquina mirabolante:

Mesmo com o risco de destruir tudo na experiência. Só que não se destruiu. Construiu.

(...)

E de repente, por uma abertura da máquina, como se ela fosse uma mulher parindo, saiu um livro. Este livro.

Ana Maria Machado nos dá uma bela e sábia definição do livro como uma síntese de coisas, como testemunho de objetos, lugares e tempos díspares. Apresentado ao leitor não como um "retrato fiel" da realidade, mas como um trabalho de construção, de compreensão e organização de todas essas coisas díspares, experiências acumuladas e

vividas. Experiência plural, rica de sujeitos e tempos diferentes, transformada a partir da experiência da própria autora.

É preciso aprender com a experiência. A história mais uma vez deixa de ser um campo estéril, um passado morto, objeto de curiosidade e contemplação. Ao colocar como narrador do seu conto o mágico que, segundo suas próprias palavras reunia em si a sabedoria dos alquimistas e dos sábios, a curiosidade do jovem e a experiência do velho, o sim e o não - a autora o torna capaz de atravessar o tempo e, portanto, de guardar em sua memória, as lições que a história lhe foi ensinando.

Obviamente que não passa despercebido à autora que uma guerra interestelar, no futuro, ou uma guerra atômica, no presente, terão um poder de destruição muito maior do que a guerra, na aldeia, entre Pedro e Arlindo. E é essa possibilidade de catástrofe que motiva a obra e constitui seu eixo, e que apesar de toda a esperança com que é tecida lhe confere o caráter de urgência.

É um grito de alerta e um convite à mobilização. Com firmeza, lucidez e muito humor, a autora busca vencer o ceticismo e o sentimento de impotência que amedronta e imobiliza e torna mais poderosos aqueles que se acham donos de nossos destinos.

O presente é a chave de tudo. E o momento de tomar consciência, de reverter o processo. Tomar consciência coletivamente significa, por um lado, perceber a dominação, entender seus mecanismos, identificar seus pressupostos e, por outro lado, criar valores que se lhe oponham, obstar sua prática. O tempo futuro só está contido no presente (e no passado) como possibilidades em conflito não como certeza ou sina.

Bibliografia

ÁVILA, Fabrício Schiavo, MARTINS, José Miguel, CEPIK, Marco. "Armas Estratégicas e Poder no Sistema Internacional: O advento das Armas de Energia

Direta e seu Impacto Potencial sobre a Guerra e Distribuição Multipolar de Capacidades”, **Contexto Internacional**. V.3 n;1 Janeiro/Abril, 2009 p. 49-83.

MÜLLER, Ricardo Gaspar: Missão Civilizatória e Exterminismo: Um caso de Realismo Político. RJ, **Núcleo de Estudos da Cidadania e Violência Urbana** – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos de Esperança**, São Paulo, UNESP, 1914.

THOMPSON, E. P “Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização” in: **New Left Review, Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

Notas

* Prof.a Dr.a Departamento História. PUC-SP.

E-mail: rosario.peixoto@hotmail.com

¹ MACHADO, Ana Maria. **O canto da Praça**. Rio de Janeiro: Salamandra. 1986.

² Ligya Bojunga Nunes, Fernanda Lopes de Almeida, Joel Rufino dos Santos, Ruth Rocha, Verner Zotz, Edy Lima, Angélica de Oliveira, Tatiana Belinky, Mirna Pinsky, para citar alguns nomes entre os muitos que, ao meu ver, produzem uma literatura de resistência.

³ Apresentação do livro pela própria autora na segunda capa do mesmo, em sua 1ª edição.

⁴ PESSANHA, José Américo Motta. "Cultura como ruptura" in **Cultura Brasileira: Tradição e Contradição**. Jorge Zahar Editor/Funarte. 1987.

⁵ Historiadores como Raymond Williams, E. P. Thompson e J. Chesneaux se encaminham sua argumento histórico no sentido de pensar cada momento como pleno de possibilidades e cujo desenvolvimento posterior não obedeceria a nenhuma regra, ou lógica preestabelecida e, desse modo, têm insistido na necessidade de invertermos a relação passado-presente tornando-a presente-passado,

⁶ CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência**. São Paulo, Brasiliense. 1987. p. 22. Veja tb. WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. RJ. Zahar Editores, 1987.